



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

## RAÇA, ESCRAVIDÃO E LITERATURA NACIONAL NA REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO (PORTO ALEGRE, 1869-79)

Alexandre Lazzari<sup>1</sup>

O objetivo desta comunicação é apresentar o estudo de dois contos de escritores riograndenses do século XIX publicados na Revista do Parthenon Literário. As narrativas, intituladas “Serões de um tropeiro” e “O vaqueano”, de autoria respectivamente de José Bernardino dos Santos e Apolinário Porto Alegre (sob os pseudônimos “Daymã” e “Iriema”), são textos representativos dos esforços de uma geração de letrados da província de São Pedro em imprimir “cor local” ao nacionalismo literário que irradiava da corte, especialmente inspirados na obra de José de Alencar, entre outros.

Estes contos foram escolhidos para esta apresentação porque seus autores tiveram a pretensão comum de narrar aventuras ambientadas no passado rio-grandense que evidenciassem as peculiaridades da formação de uma certa sociedade e de seus tipos humanos. Nessas histórias, os estancieiros, descendentes dos conquistadores europeus do território, são os protagonistas principais e contracenam com familiares e diversos tipos de subordinados, de capatazes a escravos, todos classificados como mestiços, índios, crioulos ou africanos. Meu interesse é analisar o papel desempenhado por esses personagens subalternos, os critérios de classificação social e racial e sua utilização na construção de estereótipos de identidade regional e nacional naquele contexto. Também comparo as duas narrativas entre si e com outras que lhes serviram de inspiração e interpreto os significados políticos do engajamento literário destes autores.<sup>2</sup>

“Serões de um tropeiro” foi publicado na Revista do Parthenon Literário entre 1874 e 1876.<sup>3</sup> José Bernardino dos Santos se referia à própria obra como uma série de contos, mas a seqüência de capítulos apresenta ao leitor a narrativa linear de uma única história. O autor utilizou o pseudônimo

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Unicamp (2004). Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de História e Economia, Campus de Nova Iguaçu. E-mail para contato: [alexandre.lazzari@gmail.com](mailto:alexandre.lazzari@gmail.com)

<sup>2</sup> Para uma versão mais extensa deste estudo, ver o segundo capítulo de minha tese de doutorado: LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Campinas: Tese de Doutorado em História social/Unicamp, 2004.

<sup>3</sup> DAYMÃ, “Serões de um tropeiro”. *Revista do Parthenon Litterario*, agosto, setembro e dezembro de 1874; fevereiro a maio de 1875; agosto de 1875; março de 1876.



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

Daymã, nome do protagonista de outra narrativa sua publicada anteriormente. O personagem é um herói indígena submetido à fé e à disciplina das reduções dos padres jesuítas e que luta contra os espanhóis. Ao final da história ele descobre sua condição de mestiço, nada menos que filho do principal inimigo espanhol, o que abre as portas à reconciliação e à assimilação à civilização branca.

Para José Bernardino dos Santos a miscigenação do índio com o europeu, temperada pela evangelização, oferecia uma fórmula redentora capaz de integrar o selvagem à civilização branca. O cruzamento entre as próprias raças inferiores, negros e índios, porém, representava para ele a possibilidade de degeneração da “nova raça” americana. Essa parece ser uma das principais lições que pretende ensinar ao leitor em "Serões de um tropeiro". Nesta história, um tropeiro sobe a serra do norte riograndense para chegar à estância do pai onde realizará seu casamento, e os episódios revelam a suposta superioridade racial e cultural do branco descendente direto do colonizador português.

Vamos então à narrativa. O protagonista principal da aventura, o tenente Nico, foi descrito com o perfil dominador dos grandes proprietários rio-grandenses. Filho de um rico estancieiro de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, era oficial da Guarda Nacional e também investido de cargos policiais e de eleição. Encontrava-se perfeitamente enquadrado, portanto, na condição de detentor de poder político e cidadão exemplar do Império brasileiro. Simpático, enérgico, honesto, zeloso de sua autoridade sobre a região, gozava de respeito e popularidade e, como tropeiro, tinha grande experiência e habilidade, destacando-se de seus subalternos pela inteligência e determinação. A peonada comandada pelo tropeiro Nico nas viagens, por seu lado, foi caracterizada pelas qualidades singulares de seus tipos raciais: o mulato José foi descrito como um “esperto mestiço” que gostava de cantar à viola e passar a noite no baile dos “lamão” (imigrantes alemães) do povoado da Taquara; Joaquim figura como um “indolente mameluco”, capaz de enfrentar uma onça mas também de ter medo das mulas; já o Pai Manoel surge como um africano “boçal”. Os peões, por sua vez, são apresentados como exemplos de rudeza e valentia, porém semibárbaros e de inteligência limitada.

Acompanhando a tropa do tenente Nico também estavam a comadre Marucas e sua sobrinha Nharinha, a noiva pretendida. Seguiam a convite do pai de Nico para celebrar o noivado com uma “feijoada paulistana, com entrecosto de cateto”. Elas lideravam uma pitoresca comitiva



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

com afilhados, agregados, escravos e cães. A situação motiva o autor a fazer uma jocosa descrição dos costumes de uma estância tradicional, onde os patrões são descritos como patriarcais e idiossincráticos, porém honrados, enquanto os subordinados, peões e escravos (“bugres” e “crioulos”), figuram como “chucros”, ingratos e pouco confiáveis.

Fazem parte da comitiva o “bugrinho” Israel, filho de um chefe de quilombo que fora adotado por Nharinha, e o negro pai Matheus, um “mandingueiro” da estima e confiança do pai estancieiro. Da maldade e da ingratidão inatas de ambos nascem planos para atacar as estancias da região e matar os donos, contando com auxílio de escravos, desertores e quilombolas que estariam a infestar a serra. O tenente Nico presente o perigo e adverte a noiva: “(...) a prima bem sabe, que quem tem junto a si esta corja de caborteiros de escravos e agregados não pode ter verdadeiros sossego, e deve viver prevenido. Negro e bugre, é o mesmo que dizer veneno e fogo.”<sup>4</sup> O “bugre”, descrito como mestiço de índios e africanos, é apresentado pelo narrador como uma aberração racial sem humanidade: “mescla hedionda do sangue cafre e tupi, mescla repugnante e perversa, que produz esses monstros que, deturpando a espécie, põem em dúvida a perfeição e superioridade que se arroga o homem sobre todos os outros indivíduos da grande família zoológica”. Para o africano “puro” também não se reservava melhor qualificação: “raça bastarda da civilização”, “raça maldita”, fonte de infecção da sociedade.

Ao vê-los ali (...), esses dois tipos maciços de hediondez e perversão, pelo cinzento azevichado e lixoso da pele e carapinha de um e o acobreado desmaiado ou aso da epiderme e o vermelho da guedelha do outro, crer-se-ia ter ante os olhos dois colossais espécimes da nauseabunda família aracnídea, se tais não eram pelo deletério da peçonha que lhes porejava d’alma, esses dois vis e abjetos entes.<sup>5</sup>

Por fim, para não deixar dúvidas, o narrador arremata sua repulsa aos dois personagens recorrendo à autoridade científica. Segundo ele, o relevo das fisionomias de ambos se enquadrava na descrição do cientista Franz Joseph Gall para os cérebros dotados dos mais perversos instintos: a crueldade, a manha e o roubo. O alemão Franz Joseph Gall (1758 – 1828) é considerado o fundador da frenologia, ramo da ciência que no século XIX estudava a associação entre diferentes funções mentais e determinadas áreas do cérebro. Gall acreditava que as faculdades morais e intelectuais do ser humano eram inatas e dependiam da organização física cerebral. Ele desenvolveu a

<sup>4</sup> Cf. DAYMÃ, *Serões de um tropeiro*, Revista do Partenon Literário. cit., n. 8, agosto de 1875, p. 49.

<sup>5</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, n. 5, maio de 1875, p. 185.



"cranioscopia", um método utilizado para diagnosticar as características da personalidade e das faculdades mentais baseado na análise da forma externa do crânio.<sup>6</sup>

A leitura de “Serões de um tropeiro” sugere que o medo e a repulsa aos bugres e aos negros por parte do narrador funcionavam como contrapartida da sua simpatia pela assimilação dos indígenas à civilização branca (como sugere o pseudônimo Daymã), ou ainda como um critério para diferenciar bons e maus mestiços. Senão, vejamos. Não por acaso, o plano maligno de Israel e de Pai Matheus termina descoberto justamente por um “fiel caboclo”, Joaquim, que faz o papel de representante da melhor mestiçagem, aquela que unia as raças branca e indígena. O caboclo fiel, porém, não conseguiu evitar que os dois “vis e abjetos” maus mestiços envenenassem a comida da festa de casamento, um banquete à base de típica “cozinha rio-grandense”. A história não chega a terminar em tragédia: os convidados comem a comida envenenada e passam mal. Acreditando terem comido “rês pesteadas”, fogem em pânico da festa e socorrem-se com o vendeiro da localidade que providencia um antídoto. Ao final, todos são salvos. O vendeiro salvador era “Tio Florêncio”, descrito como “pardo”, “baiano”, ex-barbeiro, ex-soldado e conhecedor da “medicina vegetal”. A narrativa que parecia encaminhar-se para a tragédia termina em tom de comédia e o herói surge ironicamente na pele de outro bom mestiço, o pardo que regenera a raça africana na mescla com o sangue branco.

A narrativa de “Serões de um tropeiro” revela a influência, na província, de certo modo de tratar a questão da escravidão entre os homens de letras brasileiros. É o caso de comédias como na peça “O demônio familiar” de José Alencar, de 1857, ou pelo viés da tragédia como nos contos do livro “As vítimas algózes”, publicado por Joaquim Manoel de Macedo em 1869. Eram histórias em que se procurava retratar a relação entre senhores e escravos a partir da noção do perigo de corrupção moral e mesmo ameaça física que os últimos representavam para os primeiros. Esta forma de moralismo anti-escravista era manifestado não em defesa dos escravos, mas das famílias brancas acostumadas ao convívio com seres invariavelmente tornados fúteis, lascivos, ingratos e

---

<sup>6</sup> Embora as teorias de Gall terminassem rejeitadas nos meios científicos (posteriormente a moderna neurociência o reconheceria como um precursor), suas idéias tornaram-se muito populares na primeira metade do século XIX, especialmente na Inglaterra e Estados Unidos, onde serviram para apontar a “inferioridade” de outros povos. Ver SABBATINI, Renato M. E. *Frenologia: a história da localização cerebral*, Cérebro & Mente: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Neurociência, março/abril, 1997. (Centro de Informática Biomédica, Unicamp, Brasil) Disponível em: [http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia\\_port.htm](http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia_port.htm). Acessado em 06/03/2010.



ressentidos pela rotina viciosa da escravidão.<sup>7</sup> Os dois personagens conspiradores da história contada por José Bernardino são diretamente inspirados nos escravos-algozes de Macedo que tramam contra seus ingênuos protetores. É evidente o paralelo entre “Pai Matheos, o mandingueiro” da obra do primeiro e “Pai Raiol , o feiticeiro”, do segundo, assim como entre o “bugrito” Israel e “Simeão, o crioulo”, respectivamente.

Existem, porém, importantes diferenças: Joaquim Manoel de Macedo atribuía a perversidade de suas “vítimas-algozes” à depravação física e moral da escravidão e à ausência de liberdade; já seu admirador rio-grandense, ao aplicar a “singular teoria” de Franz Gall a seus personagens, interpretava os maus instintos como defeitos naturais e associava deformidade cerebral com particularidades raciais. O estigma da inferioridade racial dos negros, que está apenas implícito em Macedo, foi manifestado aberta e cruamente por José Bernardino. Era clara sua disposição para, ao mesmo tempo, condenar os males advindos da escravidão e justificar a hierarquia da sociedade rural pelas qualidades diferentes e inatas das “raças” de senhores e de subordinados.

Outros autores que escreviam para a Revista do Partenon, porém, apresentavam um tratamento bem diferente para o tema da escravidão. Era o caso do pelotense Alberto Coelho da Cunha que, sob o pseudônimo Victor Valpirio, denunciava o cruel tratamento a que eram submetidos os negros do trabalho incessante nas charqueadas da sua região de Pelotas.<sup>8</sup> Deve-se mencionar também a denúncia das injustiças da escravatura na lenda do “crioulo do pastoreio” (muito conhecida nos dias de hoje devido ao trabalho dos folcloristas) que chegou a ter uma versão publicada em livro por Apollinario Porto Alegre em 1875.<sup>9</sup> Este último autor, no entanto, preferia representar a escravidão de outro modo, como uma antítese das virtudes republicanas.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Para uma análise de “O demônio familiar” e “As vítimas algozes” sob esta perspectiva, ver CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Campinas: Tese de Doutorado em História Social/Unicamp, 2001. p. 339-358.

<sup>8</sup> Cf. VALPIRIO, Victor. *Pai Felipe - Um episódio das charqueadas*, Revista do Parthenon Litterario, n. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 1874.

<sup>9</sup> “O crioulo do pastoreio” foi publicado por Iriema pela Imprensa Litteraria de Porto Alegre em 1875, porém não foi possível localizar um exemplar da obra para consulta.

<sup>10</sup> Seu longo poema “Gabila”, por exemplo, conta a história de um escravo crioulo que, “brasileiro no gesto, nos lampejos”, não aceita se submeter como os africanos de nascimento, por isso foge para lutar junto aos farrapos pela sua liberdade. Ver IRIEMA. *Gabila* Revista do Parthenon Litterario, julho, agosto, outubro e novembro de 1874; fevereiro de 1875.



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

Em “Serões de um tropeiro”, José Bernardino também quis retratar a imigração, apresentando-a como uma alternativa à sociedade escravista que inviabilizaria o progresso. Ele descreve o povoado de imigrantes alemães da Taquara, na época um entreposto comercial dos tropeiros que subiam para Cima da Serra. Ali, em ruas de movimento intenso, homens e mulheres alemães e brasileiros, de todas as posições sociais e idades misturavam-se sem maiores distinções, compondo uma sociedade “de costumes sãos e simples”. Para este autor, ali onde se encontravam a sociedade dos imigrantes do vale e aquela das estâncias do planalto, estaria enfim a harmonia possível e o fim das contradições. Era o contraponto moral da civilização urbana da capital Porto Alegre, de prosperidade certa e virtudes duvidosas.<sup>11</sup>

Finalmente, observa-se que em “Serões de um tropeiro” o narrador pretende documentar usos e costumes supostamente “verdadeiros”. Ele revela também inequivocamente sua preferência por distinções sociais e hierarquias. A descrição da sociedade serrana é arbitrária ao selecionar raças boas e más, bons e maus costumes e hierarquias necessárias. Os cantos de viola, por exemplo, mostram-se quase intoleráveis a ouvidos mais exigentes, enquanto a cozinha e os hábitos alimentares campeiros são elogiados e descritos em pormenores, sem que o desprezo da elite urbana a estes assuntos incomodasse o autor.<sup>12</sup>

“Serões de um tropeiro” foi oferecido em dedicatória ao amigo Apolinário, como se fosse um prosseguimento da conversa habitual que ambos costumavam travar.<sup>13</sup> Segundo contam crônicas e memórias daquele tempo, foi dos encontros de uma turma de jovens letrados na residência de Apollinario Porto Alegre que nasceu a sociedade Parthenon Litterario. Lá, onde também funcionava sua escola particular, foi o ponto de encontro de diversos amantes das letras da cidade de Porto Alegre. Formara-se um grupo que tinha no já afamado mestre-escola um incentivador e guia dos estudos literários.

Independente dos relatos memorialísticos, a relevância do papel desempenhado por Apollinario entre os partenonistas poderia ser provada pela assiduidade com que publicou na revista da associação, bem como pela intensidade com que participou de sua organização e debates internos, embora o grupo fosse heterogêneo e nem sempre unido em torno dos projetos de seu

<sup>11</sup> Cf. DAYMÃ. *Serões de um tropeiro*, op. cit., n. 8, agosto de 1874.

<sup>12</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, n. 4, abril de 1875 e n. 3, março de 1876.

<sup>13</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, n. 8, agosto de 1874, p. 65.



principal incentivador. Mais importante que tudo isso, no entanto, eram os sentidos da militância literária que ele procurava ensinar aos colegas por meio de sua produção publicada na Revista.

Em todos os romances que Apolinario assinou como Iriema, uma idéia se impõe: a força renovadora da natureza americana, seu influxo benéfico sobre os habitantes do continente e o destino grandioso que lhes estaria reservado. E a província do Rio Grande do Sul surgia como a porção do continente onde todos os fatores regeneradores se faziam sentir no mais alto grau. Levando em consideração a adaptação das fórmulas românticas e a intenção político-pedagógica de sua literatura, interpretada no contexto da relação que o autor mantinha com os demais letrados, as histórias contadas pelo professor porto-alegrense revelam uma desenvoltura maior que a de seus colegas partenonistas no uso e manipulação dos sentidos de identidade rio-grandense e nacional.

Os heróis de suas histórias deveriam ser os mais diversos possíveis em termos sociais e raciais, pois a experiência regeneradora que a terra americana proporcionava se fazia sentir tanto no proprietário rural branco quanto nos seus agregados e escravos. No romance “O vaqueano”, escrito em 1869 e publicado em 1872 na revista do Parthenon Litterario sob o pseudônimo Iriema, exalta-se a altivez e nobreza de caráter que a liberdade dos campos proporcionaria democraticamente a todos. Esse “tipo genérico” do rio-grandense tanto poderia ser encontrado no “posteiro” quanto no “senhor da estância”, tanto no errante “tropeiro” quanto no sedentário “guasqueiro ou trançador de lonca”.<sup>14</sup>

Assim acontece na história de José de Avençal, um herói que encarnava as mais altas virtudes. Era um vaqueano (uma espécie de guia com profundo conhecimento do território), descendente de uma família de paulistas de São Vicente, pioneiros na posse do território e grandes proprietários na região serrana. Quando menino teve toda sua família assassinada por traição e só sobreviveu porque foi salvo pelos escravos da casa. Foi educado pelo pai adotivo, o ex-nobre português Amaral, para ser um perfeito cavalheiro e treinado desde a infância pelo meio-irmão, o mulato Moysés, para ser forte e habilidoso nas artes campeiras. Observe-se que até agora todos os personagens exibem certas qualidades e habilidades do rio-grandense típico segundo Apolinário: o habilidoso mulato Moysés, os valentes índios guaicanãs e os próprios escravos. Até mesmo Amaral, um nobre português desterrado, foi tão profundamente influenciado pelo novo mundo que abandonou os preconceitos que tinha recebido de sua educação européia.

---

<sup>14</sup> Cf. IRIEMA, *O vaqueano*, Revista do Parthenon Litterario, n. 1, 1872.



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

José de Avençal tinha como único defeito, que foi a causa de sua tragédia pessoal, a obsessão pela vingança. Ele se desespera quando descobre que o assassino de seu pai era José Capinchos, o pai da sua amada noiva Rosita. Mesmo hesitante diante das consequências, consuma a vingança contra o pai de sua amada. Daí em diante resolve abandonar todos os bens e propriedades e começa a vagar à toa pelo mundo. Foi nessas andanças solitárias que adquiriu um conhecimento inigualável do território da província e tornou-se um vaqueano famoso. Foi naturalmente requisitado, portanto, para servir de guia dos rebeldes farrapos na famosa jornada até a conquista de Laguna, em Santa Catarina. Nesta jornada é que reencontra, depois de muitos anos, o mulato Moysés chefiando os índios guaicanãs. O seu antigo mestre não tinha até então tomado partido na guerra, mas decide aderir aos farrapos para defender o meio-irmão, pois soubera dos planos de vingança de André, filho do assassino Capinchos e irmão de Rosita. Depois de muitas peripécias, o vaqueano vence André Capinchos em um duelo, mas poupa-lhe a vida. Rosita, no entanto, suicida-se diante da recusa do amado em fugir com ela. José de Avençal também sacrifica sua vida como último baluarte na defesa do forte da Laguna contra as tropas imperiais. Os índios guaicanãs são dizimados e apenas o mulato Moysés sobrevive às batalhas.

Fica evidente ao longo da história que os personagens são movidos pela obsessão da vingança, que é reconhecida pelo narrador como uma falha do caráter rio-grandense, "falha que ninguém pode nem deve ocultar". José de Avençal não descansa até conseguir abater José Capinchos, e depois o filho deste é que persegue o vaqueano incansavelmente. O rigoroso código de honra, atribuído de forma genérica aos "povos cavalheirescos" é que tornava a vingança intrínseca ao modo de vida do rio-grandense.<sup>15</sup> Apolinário retoma aqui uma caracterização já presente no romance "A divina pastora" do amigo e inspirador Caldre e Fião, onde o rio-grandense é incluído entre os "povos cavalheirescos" e comparado ao árabe em suas virtudes e defeitos.<sup>16</sup> Mas o veterano médico e literato fazia essa comparação para absolver os riograndeses do erro político da rebelião, enquanto Apolinario louvava uma suposta afinidade natural com valores como a liberdade e a honra.

<sup>15</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, n. 4, 1872, p. 133.

<sup>16</sup> "A divina pastora" era obra desconhecida dos críticos literários do século XX e dada como perdida até ser resgatada em 1992. Ver CALDRE E FIÃO, José Antonio do Valle. *A divina pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992. Reprodução do original: *A divina pastora - novela rio-grandense*, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de J. M. Ferreira, 1847.





5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

As qualidades dos riograndenses, segundo a prosa de Iriema, não eram herdadas da civilização européia. Ao contrário, eram aprendidas no contato com a natureza e com o homem primitivo. Não havia razão, portanto, para condenar a miscigenação com os nativos. A raça não era considerada um fator de distinção do caráter e até se reconhecia que as diferenças de cor geravam preconceitos e injustiças. O mulato Moysés era meio-irmão de Avençal, filho do pai com uma escrava, e manifestava vergonha de sua condição de ilegítimo. Vítima do preconceito, foi injustamente acusado pelo massacre da própria família. Ressentido, rejeitou a sociedade branca e passou a viver como caçador na região serrana. Tinha decidido não tomar partido na guerra dos farrapos porque sabia ser desprezado por sua cor e não desejava servir apenas como um instrumento dos brancos em suas disputas. O orgulhoso mulato alegava que o seu significado de liberdade não era o mesmo dos revolucionários:

- Liberdade!? Quem é mais livre do que Moysés aqui na serra? Onde não há ódio de raças; onde o homem domina a terra, onde o amigo não mente ao amigo e a mulher não mente ao marido? Não quero mais liberdade do que tenho.<sup>17</sup>

A liberdade de Moysés seguramente era inspirada no indianismo romântico. Afinal, ele casou com uma índia e tinha se tornado o chefe da tribo quase extinta dos guaicanãs. Segundo o narrador, a união do mulato com a nação Guaicana fazia dele um "marco miliário entre a civilização e a barbária".<sup>18</sup> Possuía mesmo um tal zelo e "inteligência superior" que, uma vez colocados a serviço da tribo, melhoraram as condições de vida de todos e assim foi selado um pacto de amizade e lealdade. Mas sob o comando de Moysés, os índios cumprem um papel apenas coadjuvante na narrativa. São soldados valorosos e fiéis, porém irremediavelmente condenados ao extermínio. Quando finalmente resolvem juntar-se aos farroupilhas, unicamente por fidelidade a José de Avençal, são dizimados lutando na guerra do homem branco. Entraram para a posteridade apenas "como uma tradição" ou uma contribuição extinta que a história e a língua registravam.

A presença dos escravos na narrativa, por seu lado, serve à propaganda abolicionista, oferecendo ao leitor branco uma discussão das impropriedades do preconceito de cor e da escravidão. A atitude nobre e generosa dos escravos que salvaram o pequeno Avençal foi o fato que sensibilizou o nobre português Amaral Ihe despertou a consciência da igualdade dos homens. Até então, para ele a raça negra era um "ente inferior", incompleto e defeituoso na aparência e na

<sup>17</sup> Cf. IRIEMA. *O vaqueano*, Revista do Parthenon Litterario, n. 2, 1872, p. 67.



inteligência, mais comparável ao macaco do que ao homem. Mas este era um pré-julgamento que o aristocrata trouxera de Portugal e que se desfazia naturalmente com a vida na nova terra.<sup>19</sup>

A atuação dos escravos serve também como pretexto para inserir no texto como uma “peculiaridade brasileira” uma das lendas contadas pelos escravos. A história é contada pela mucama que embalava o sono do pequeno José de Avençal, antes da tragédia acontecer com sua família. Eram histórias de guerreiros que morriam sob o jugo da escravidão no Brasil mas cujos espíritos retornavam ao continente africano para lá ajudar os irmãos a combater os brancos. O autor certamente não escolheu esta lenda por acaso, pois ela lembrava que os escravos africanos eram estrangeiros em terras americanas. A nacionalização do africano dependeria da assimilação deste às civilizações indígena e branca, fusão subentendida na trajetória do mulato Moysés, casado com uma índia. Com a morte de José de Avençal e a extinção dos guaicãs, Moysés torna-se o único sobrevivente da trama, o que também é um destino significativo, não bastasse o nome bíblico a sugerir-lhe um destino messiânico.

Este conto, mais do que divulgar uma mensagem abolicionista, pretende marcar posições do autor quanto a temas emergentes na vida pública do Império e que dominariam o debate a partir da década de 1870, como o republicanismo, a própria escravidão, a cor da pele, a mestiçagem e a influência de tudo isso no caráter nacional. O literato porto-alegrense, no entanto, não defendeu a ruptura com a tradição romântica e se afastou da atitude predominante da chamada "geração de 1870". Muito ao contrário, sua referência maior continuou a ser a obra de José de Alencar. Ele permanecia um dedicado defensor do mestre cearense diante das mais pesadas críticas que este passou a receber. E os principais méritos da obra alencariana não estavam na fase recente, na qual o já consagrado escritor se voltava a temas regionais. "O Gaúcho", por exemplo, foi uma obra rejeitada na província e criticada até por Apolinário. As obras que lhe servem de inspiração continuam a ser "O guarani" e "Iracema", justamente os paradigmas indianistas condenados pela nova geração de literatos.

Esta opção já foi interpretada pela crítica literária como resultado de certo "atraso" e conservadorismo das letras na província. Acredito que a leitura atenta ao contexto de um conto como o "O vaqueano" revela o equívoco dessa interpretação. O modelo de "narrativa de fundação" da nação sugerida nos romances acima, com heróis indígenas e mestiçagem entre brancos e índios

---

<sup>18</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 68.

<sup>19</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, n. 4, 1872, p. 130.



5º Encontro  
Escravidão e  
Liberdade  
no Brasil  
Meridional

era atraente para literatos locais que procuravam inspiração em um imaginado passado épico de conquista do território rio-grandense. E deve-se notar como Apolinário se empenha em conciliar essas referências de temas e de estilos alencarianos com as questões emergentes: a escravidão e o a injustiça do preconceito de cor, o mulato representado como um herói pleno de bravura e caráter, o republicanismo como novidade política, ainda que inspirado no passado idealizado dos combatentes farroupilhas. Longe de não estar atento às novas tendências que surgem, pelo contrário, ele procura fazer com que elas façam sentido de um ponto de vista centrado na província de São Pedro. José de Alencar é exaltado por fornecer modelos de nacionalismo literário que utilizam a história da conquista colonial, as lendas indígenas, a natureza americana, o vocabulário brasileiro e a fusão das raças. As posições políticas de Alencar, conservadoras e escravocratas, ficam em segundo plano e não são consideradas relevantes quando considerada a importância do legado nacionalista de sua obra. E o valor do nacionalismo literário, para o literato e professor gaúcho, deve-se menos ao mérito estético do que à função pedagógica de inspirar nas novas gerações o amor sem limites à pátria. A literatura de Apolinário não tinha tantas pretensões de sofisticação literária quanto de doutrinação patriótica e de servir de instrumento à formação de uma "comunidade imaginada" ao mesmo tempo riograndense e brasileira.<sup>20</sup>

Entre os escritores da Revista do Parthenon Litterario foi Apolinário quem, indiscutivelmente, mais se dedicou a explorar as possibilidades do romance para forjar o sentimento nacional nos leitores, fazendo da literatura um instrumento de pedagogia cívica republicana. Em sua maioria, os escritores que contribuíram para a revista do Parthenon preferiam escrever contos e poemas sobre os sentimentos e costumes da sociedade urbana, com especial preocupação pela educação moral das moças de família. Já em quase toda a obra literária publicada sob o pseudônimo Iriema encontra-se o elogio das qualidades morais e da vocação republicana que a vida junto à natureza americana infundiria nos rio-grandenses.

A memória da “revolução de 1835” era construída, por esse ponto de vista, com o sentido de momento fundador da missão histórica da província de São Pedro no destino do Brasil. Dali por diante, os filhos daquela província não deviam mais se limitar ao dever de defender as fronteiras do império no Prata, pois, uma vez conscientes do seu destino como vanguarda republicana, tinham a obrigação de transformar o próprio regime e abrir o futuro da nação e do

---

<sup>20</sup> Ver ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



continente para o verdadeiro progresso. Ainda que a diferença rio-grandense fosse pensada como uma parte da originalidade nacional brasileira como um todo, atribuía-se ao Rio Grande um destino regenerador na história da pátria. Esta convicção animava Apollinario Porto Alegre a fazer da literatura um instrumento de educação política em uma obstinada campanha pela República, uma atividade que se somava a sua dedicação ao ensino escolar, ao jornalismo e à militância partidária.

Ao comparar as obras de Apollinario e Bernardino dos Santos verifica-se facilmente que a amizade, a troca de idéias e o interesse de ambos em nacionalizar o gosto literário dos leitores conterrâneos se manifestava em temas e inspirações comuns. Não à toa, ambos se dedicaram à tarefa de adaptar os modelos românticos de literatura nacional ao projeto de uma suposta originalidade rio-grandense. É possível concluir que os textos são resultado de um contínuo debate político e literário entre os dois autores porto-alegrenses e, principalmente, de um diálogo de ambos com temas veiculados pela literatura da corte, como o abolicionismo, a mestiçagem e o nacionalismo literário.

Ambos construíram para o indígena uma imagem conveniente, não apenas como inspiração poética mas principalmente como herói histórico de um passado formativo. Na condição, porém, de sua inevitável submissão e assimilação em um triunfante modo de vida rural organizado em torno das estâncias e seu senhores, sejam do pampa ou da serra. Esta seria uma explicação plausível para o impacto extremamente positivo da obra de José de Alencar entre os rio-grandenses, especialmente de “O guarani” e “Iracema”, com suas metáforas do nascimento da nação pelo encontro e cruzamento das raças branca e indígena. Tanto que o ponto de vista de autores convictos da incompatibilidade da civilização com a herança selvagem, como o historiador Varnhagen ou Joaquim Nabuco, parece ter tido pouco ou nenhum eco entre os letrados provincianos, mais dispostos a aceitar a virtual integração, tanto étnica como religiosa, do indígena.

Quanto à escravidão, José Bernardino dos Santos filiava-se à defesa da abolição em razão dos perigos físicos e morais trazidos para as famílias brancas. Defendia também a necessidade das hierarquias sociais e raciais e tinha expectativas regeneradoras para as pequenas cidades de colonos europeus na província do Rio Grande do Sul. Apollinario Porto Alegre não segue o mesmo caminho, pois retrata heroísmo e virtudes em todos os tipos raciais. Para ele, a nacionalização passa pela mestiçagem, mas o efeito regenerador decisivo é proporcionado pela natureza, especialmente a vida nos campos riograndenses. Propondo uma literatura de fins político-pedagógicos, deseja convencer



os riograndenses de que eles se distinguem dos demais brasileiros pelo amor à liberdade e não por superioridade racial (embora admitirá isso posteriormente) ou por aptidão guerreira. Para ele, da identidade peculiar dos rio-grandenses dependeria a formação futura de uma plena identidade nacional brasileira e caberia ao Rio Grande um destino regenerador na história da pátria. Ecos dos pontos de vista manifestados por esses dois autores continuarão a ser encontrados na literatura e no discurso político dos riograndenses por muitas décadas.

### *Bibliografia*

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Campinas: Tese de Doutorado em História Social/Unicamp, 2001.

CALDRE E FIÃO, José Antonio do Valle. *A divina pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992. Reprodução do original: *A divina pastora - novela rio-grandense*. Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de J. M. Ferreira, 1847.

DAYMÃ, *Serões de um tropeiro*. Revista do Partenon Literário, agosto, setembro e dezembro de 1874; fevereiro a maio de 1875; agosto de 1875; março de 1876.

IRIEMA. *Gabila* Revista do Partenon Literário, julho, agosto, outubro e novembro de 1874; fevereiro de 1875.

IRIEMA, *O vaqueano*, Revista do Partenon Literário, 1872.

LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Campinas: Tese de Doutorado em História social/Unicamp, 2004.

SABBATINI, Renato M. E. *Frenologia: a história da localização cerebral*, Cérebro & Mente: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Neurociência, março/abril, 1997. (Centro de Informática Biomédica, Unicamp, Brasil) Disponível em: [http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia\\_port.htm](http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia_port.htm) . Acessado em 06/03/2010.

VALPIRIO, Victor. *Pai Felipe - Um episódio das charqueadas*, Revista do Parthenon Litterario, n. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 1874.